

Risenson Kritika di Obra “*Os Flagelados do Vento Leste*”, di Manuel Lopes

Maria Helena Gonçalves Furtado *

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0002-5927-4693>

Rezumu: Na es risenson literaria ki dadu nomi *Evangelho de Nhô Isé Cruz, segundo Manuel Lopes*, buskadu interkruza leitura di obra *Os Flagelados do Vento Leste* ku leitura di *Bíblia Sagrada*. Optadu pa uzu di palavra *Evangelho* na titulu di risenson, pamodi obra *Os Flagelados do Vento Leste* ta fala di sirkunstansia di vida e di un konjuntu di prinsipiu ki ta mudela e enforma vida di protagonista José da Cruz (Nhô Isé). Persunaji di Nho Isé ta konfigura un letratu kru di Omi kauberdianu na si kunbersu i luta ku forsa natural o forsa tilurika, ki el propi e ta rakunhesi komu pertensa di Kriador, na un tenpu i spasu dominadu pa violencia e dizanparu. Otor strutura obra li na dos parti, primeru ten komu protagonista Izé da Cruz i sigundo si fidju. Mas podi ntendedu ma tem otu sijeitu xavi ki sta presenti o longu di obra, ki otor ta presenta logu na inisiu di primeru parti di obra di forma kontenplativa o mesmu filmiku. Forsa tilurika sima txuba, bentu, estiajen koezisti i kondisiona konportamentu, atitudi, i stadu di spritu di tudu argen o longu di obra, a pontu di tenpra propi karater di Omi Kauberdianu.

Palavra-Xavi: Bíblia; *Os Flagelados*; *Vento Leste*; Manuel Lopes

Recensão Crítica da Obra “*Os Flagelados do Vento Leste*”, de Manuel Lopes

Resumo: Nesta recensão crítica ao qual foi dado o nome *Evangelho de Nhô Isé Cruz, segundo Manuel Lopes*, procurou-se a leitura inter cruzada da obra *Os Flagelados do Vento Leste* com a leitura da *Bíblia Sagrada*. Optou-se pelo uso da palavra *Evangelho* no título da recensão, porque a obra *Os Flagelados do Vento Leste* narra as circunstâncias de vida e um conjunto de princípios que modelam e enformam a vida do protagonista José da Cruz (Nhô Isé). A personagem e de Nho Isé configura um retrato cru do Homem Caboverdiano na sua conversa e luta com as forças naturais ou forças telúricas, que o próprio reconhece como pertença do Criador, num tempo e espaço dominado pela violência e desamparo. O autor estruturou a obra em duas partes, a primeira tem como protagonista Isé da Cruz e a segunda o seu filho. Mas pode entender-se que existe um outro sujeito-chave presente ao longo da obra, que o autor apresenta logo no início da primeira parte, de forma contemplativa ou mesmo fílmica. As forças telúricas como a chuva, vento (lestada), estiagem, coexistem e condicionam o comportamento, atitude e estado de espírito de toadas as pessoas ao longo da obra, a ponto de temperar o próprio caráter do Homem Caboverdiano.

Palavras- Chave: Bíblia; *Os Flagelados*; *Vento Leste*; Manuel Lopes

* Mestranda em Estudos Africanos, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É investigadora no Centro de Estudos Africanos, da Universidade do Porto. É professora de Educação Especial em Agrupamentos de Escolas na cidade do Porto. Licenciada em Ensino, como Professora do 2.º ciclo do Ensino Básico, na variante de Matemática e Ciências da Natureza, em 1999. É especialista em Educação Especial, no domínio mental e motor pela Universidade Lusíada do Porto. E-mail: furtadohelenaaeah@gmail.com

Introdução

A Obra *Os Flagelados do Vento Leste* constitui a abóbada do edifício ficcional de Manuel Lopes (...) pela intrínseca mestria textual e discursiva (...) escrito de envergadura estética e humana. (Baptista, 1993, p. 69; 180). Para entender o alcance, vigor e fundamento desta obra é necessário situá-la na historiografia e na literatura de Cabo Verde. À data da primeira edição desta obra tinha ocorrido em Cabo Verde um período de estiagem e fome que ceifou vidas e bens. Esta obra revela a consciência sociopolítica e inconformidade de Manuel Lopes. É também uma denúncia fraterna e um convite à autorreflexão de quem, o lê. O próprio escreve, na Nota Introdutória à 2.^a edição da obra,

...é que a narração dos factos testemunhados tiveram uma acção terapêutica, ou mesmo catártica, sobre a minha sensibilidade, não viesse o remorso pesar-me na consciência, de ter assistido, impávido, a um drama pungente – chamemos-lhe apenas isto (humanamente evitável, como veio ma verificar-se) –, uma das periódicas catástrofes, nem pior nem melhor do que as anteriores, secularmente toleradas naquele Arquipélago. Lavar as mãos, comodamente, como Pilatos, seria, mais do que tolerância e comodidade da minha parte, um crime insustentável. Escolhi então a arma mais eficaz do ficcionista: a «discreta» denúncia de uma situação histórica, sem apontar o dedo acusatório, apenas com intuito de transmitir aos outros (é a nossa grande força interior) os mesmos sentimentos, a mesma repulsa, que me assaltaram, levando-lhes a experiência da minha perplexidade (e da minha esperança) sem disfarces ou fácil demagogia, mas com a mais sincera humildade para que achassem eco no silêncio da sua solidão e das suas consciências.

Manuel Lopes, set 1984 in (Lopes, 2021, p. 10)

Esta mesma preocupação filial e fraterna, que não deixa de apelar a uma participação ativa. Cabral exprime-a numa carta a Maria Helena, de 23/24 de agosto de 1948:

África? Sim, eu tenho de ir para África. (...) O que me chama, Lena, são milhões de indivíduos que precisam do meu contributo na ingrata luta que têm travado com a natureza e com o próprio homem. O que me chama é, afinal, a própria Humanidade, solicitando, melhor, exigindo que eu cumpra o meu dever de Homem. (...) Todavia, é certo que prefiro ser individualmente infeliz, a ser ingrato para com aqueles que de muitos poucos podem esperar auxílio, dedicação, luz."

(Cartas de Amílcar Cabral a Maria Helena A outra face do Homem, 2016, pp. 136, 137; 149,150).

Este chamamento que teria também origem nas leituras de literatura forjada pela geração claridosa caboverdiana anterior à geração nacionalista, a que Cabral pertence. Com efeito, desta citação emergem as palavras *luz*, a ideia de luta contra as forças naturais ou telúricas e as reais circunstâncias do Homem. Pelas considerações da investigadora Ângela Coutinho, situando a pessoa de Cabral

as experiências vividas em Portugal foram importantes para os futuros movimentos de libertação por várias razões, de entre as quais algumas foram enunciadas pelos próprios protagonistas. Este período das suas vidas contribuiu fortemente para a sua formação política e para a tomada de consciência da sua africanidade e dos problemas vividos pelas populações africanas. Também contribuiu para uma tomada de consciência da situação política dos habitantes das colónias do Império em geral,

(Coutinho Â. B., 2019, p. 73)

Esta literatura (claridosa) evidenciava uma perspetiva teórica regionalista, através da adoção de uma atitude de *fincar os pés no chão*, face aos embates políticos e culturais da época, debruçando-se sobre os problemas de Cabo Verde e das condições de vida do seu povo. (Madeira, 2018, pp. 143, 154).

Manuel Lopes participa, com os escritores Jorge Barbosa e Baltazar Lopes e a fase Claridosa em 1936, da literatura cabo-verdiana, iniciada a 1936, com a edição da revista *Claridade* que é referência, pois contribuiu de forma pertinente para a emancipação da literatura da metrópole, valorização da língua e implicação das vivências e preocupações do povo na produção literária, o propósito dos iniciadores deste movimento, uma literatura *pé finkado na tchon*.

A Manuel Lopes, como aos seus companheiros, da Claridade, o que primordialmente interessa é o conhecimento da própria terra, os problemas graves que a atingem, a dignificação dos conterrâneos. A fidelidade ao princípio fincar os pés na terra é o horizonte único que norteia a construção da obra de Lopes e a esse horizonte se resume praticamente toda a sua bibliografia.

(Baptista, 1993, p. 16)

Entende-se que existe *uma trajetória de amadurecimento e exigência nos domínios estéticos da escrita*¹ mas também um forte comprometimento com as pessoas. Esta obra está escrita numa linguagem clara, próxima e familiar. É possível encontrar nela aspetos que coexistem na vida de um qualquer cabo-verdiano. Há também a denúncia e a crítica

¹ Baptista, M.L. 1993, pp 69

de uma visão de moralidade estoica. Até que onde podemos ir na nossa *direiteza* e defesa de uma pretensa dignidade? Pode o Homem ombrear-se numa luta com Deus?

1- Evangelho de Nhô Isé Cruz, segundo Manuel Lopes

No início da primeira parte da obra, o autor coloca o leitor ao corrente da geografia do espaço onde decorre a narrativa, tal como é dado a um espectador apreciar uma paisagem- nela descobre a mão do Criador, sobre os seres vivos e os seres não-vivos, que geram vida e influem na vida e nos corações dos viventes, acicatando ou toldando a sua racionalidade. Neste contexto, é apresentado ao leitor a personagem Isé da Cruz.

Isé sonha com os céus a abrirem-se e um anjo montado num cavalo a trazer a ansiada fartura de água, numa teofania salvífica das chuvas esperadas. O sonho é um sinal da presença e comunicação do Criador com o Homem. Na Bíblia, em Gn 28, 10-22, relata-se o sonho que Jacob tivera- uma escada ligava a Terra ao Céu e era percorrida por anjos. O Senhor falou a Jacob e estabeleceu com ele uma aliança, que Jacob só firmou mediante sinais materializados, sobre os quais fez votos: *Se Deus estiver comigo e me proteger no caminho por onde eu for, se me der pão para comer e roupa para vestir, se eu voltar são e salvo para a casa do meu pai, então o Senhor será o meu Deus*². Perante esta leitura, tendo em conta que após o sonho e observação dos sinais dos céus, Isé enche-se de ganas, e, com os companheiros mais próximos, planta em solo crã, parece que comparativamente a Jacob, a fé de Isé no Criador é mais sólida, constituindo Nhô Isé Cruz um exemplo de Homem temente Deus, como é apreciado em todo o Homem cabo-verdiano. *A chuva era um símbolo de Fé. Crer nela ou não crer nela, a enviada de Nosso Senhor. Entre a fé e a escuridão, entre a coragem e o pânico, o povo escolhia a coragem e a fé porque eram tocadas pela luzinha da esperança*³. Mais adiante na leitura, iremos perceber que a solidez da fé de Isé não é um dado adquirido.

Após algumas “fintas”, a chuva veio. E veio com um vigor inusitado. Nem todos estavam preparados para recebê-la, os que se prepararam faziam já contas de cabeça aos bens que a terra haveria de dar. A alegria enchia o coração dos Homens com a bênção molhada que caía dos céus. A provação viria a seguir, como enumera e descreve a professora Maria Alice⁴ numa carta a sua irmã.

Chuvas fortes que levam o substrato deixando a terra lisa, em rocha. A viúva Aninhas, traz novas sobre as perdas de bens, animais, abrigos, causados pelo excesso

² Bíblia Sagrada Gn 28 20,21

³ Lopes, M. 2021 Pg 16

⁴ Idem p 101-102

de chuva (p32), Ventos fortes que provocaram a morte de um inocente; A estiagem predomina no cenário, o sol parece uma bola de fogo; O terror da fome, o medo o desânimo demonstram o espírito fraco dos Homens; A lestada, o vento que sopra quente, qual língua de fogo, queima tudo como um incêndio invisível; Gafanhotos vêm como um exército (à semelhança de Ex 10 4,20) sobre o pouco que resta; Salteadores (Mascarados e Saltapedras) surpreendem pessoas nos caminhos, roubando seus poucos haveres e deixando-as maltratadas.

Num total de sete, qual sete pragas do Egito, como se desenrola no Êxodo, na luta pela libertação do povo de Israel do cativo, as forças telúricas, nas quais se une o espírito do Homem, pertença do Criador, não dão vantagem ao Homem que depende delas para sua sobrevivência. Deus abandonou o seu povo, creem alguns, mas não Nhô Isé, que vai ensaiando ainda formas de preparar a terra para receber água.

Isé luta com o Criador. *A luta braba que começava. Contra os elementos negativos. Contra os inimigos do homem. A luta silenciosa de vida e de morte. (...) O homem tornava-se a força contrária às forças da Natureza. Por um mandato de Deus, o homem lutava contra os próprios desígnios de Deus.*⁵ Nesta luta com o Criador, dono das forças telúricas, Isé vai perdendo. Nas Escrituras, Jacob luta com Deus, como é narrado em Gn 32 23,30. Jacob lutou com os homens e com Deus e sendo abençoado, tomou o nome de Israel. Isé não, vai perdendo... as plantas, os animais – primeiro uma cabra, depois uma segunda, que vende, o seu porco, que fora roubado e morto... enfraquece, mas resiste. O seu filho mais novo cede perante a fome (paralelo com a morte dos primogênitos egípcios, incluindo o filho do Faraó Ex 12 29, 32), o que deixa Zefa, a esposa, desconsolada e temente pela vida dos outros dois. Os vizinhos, mesmo os mais próximos, estão a desistir ante as provações e procuram sobreviver noutras paragens, trabalhando para o Estado, na estrada, a troco de alimentos. Levam o que podem, o que é pouco, tal como na saída do cativo do Egito do povo de Israel. Mas não têm guia, nem lhes desce o Maná dos céus para que se alimentem diariamente, apenas o ímpeto de sobreviver os conduz. Isé persiste. Recusa dar-se por vencido, não aceita ajuda do filho Leandro, crendo-o criminoso, pois acredita que ele é um Mascarado, diz a boca do povo, excomunga-o da família e só vai para a estrada quando nada mais tem a perder do que a própria vida. Tudo o resto foi entregue ao Criador.

Na segunda parte do livro, Manuel Lopes produz uma viragem no personagem foco desta obra. Agora o personagem principal é Leandro, filho mais velho de Nhô Isé.

⁵ Lopes, M. 2021 p 82

Leandro vive como João Baptista, num estatuto quase infra-humano, no “deserto” das montanhas escarpadas, longe da convivência das pessoas, que o deixa desconfortável. Veste de saco e de peles de animais, é um pastor hábil e amigo das criaturas que tem a cargo. Leandro tem uma marca no rosto, que prediz uma vida nada fácil. É crucificado à partida, sem ter culpa estabelecida, por causa dessa marca. É emocionante como Manuel Lopes nos conduz pela cristificação do Homem, através da figura de um ser errante e rejeitado. Estamos perante o ensaio de um Cristo? uma viragem ao Novo Testamento, onde um Messias vem resgatar definitivamente os seus? Ao longo dos capítulos da segunda parte, notamos que com Leandro e por Leandro, alguns acontecimentos-chave se operam, que podem fazer crer o leitor de uma resposta positiva às questões colocadas. Após episódios de uma vida menos digna – Leandro é um Mascarado, dado a deambulações, disputas, acaba com o resto da vida da viúva Aninhas. Leandro resgata das unhas da morte a jovem Libânia, ressuscita-a, pois a encontrara muito fraca, comungam o mesmo pecado, ao comer dos alimentos roubados que Leandro traz para o espaço que chama de casa, unem-se, fá-la carne da sua carne. Um novo Adão e uma nova Eva. Leandro, que reconhece em si uma vivência mais de bicho que de gente humaniza-se, como que por milagre. Conversa, dá-se com gente. Sai para comprar haveres para Libânia vestir-se com dignidade. Manuel Lopes deixa reticências ao descrever as aventuras de Leandro, colocando o leitor na ótica de participante, tendente a julgar com as informações que são deixadas. Perante estas, o leitor facilmente infere que Leandro é criminoso de variadas mortes, algo de que depois fica ilibado, não sem ser vítima da justiça popular. Envergonha-se-nos o espírito e ruboresce-nos o rosto ao sabermos-nos semelhantes à turba que o condena sem julgamento, ou aliás, que o condena pelo seu aspeto maltrapilho, por ter um rasgão no rosto, por ser inculto pois não sabe o valor do dinheiro. Quase que é linchado, está gravemente ferido quando deixa a cela da cadeia onde ficou guardado. Com sacrifício, mas com esperança, volta a sua “casa”, ninguém tem para o receber. Morre só, como seu pai Isé.

Conclusão ou o pecado de Nhô Izé Cruz

Nas palavras de Nhô Lourencinho “o filósofo” Nhô Isé é julgado: *Tens um ar de quem não sabe perder[...] Tu que caíste desta maneira é porque estás errado.*⁶ O pecado de Isé Cruz consiste na teimosia de ter lutado até ao fim, contra todos os sinais, na

⁶ Lopes, M. 2021, p 189

soberbia de achar que podia mais que o Criador. Nisto colocou em perigo e perdeu a vida dos que mais amava. Isé, como homem de fé, ficou na orla das Escrituras, ou seja, apenas no Antigo Testamento. A sua vida não foi testemunha das Bem-aventuranças, por não aceitar ser impotente nas mãos do Criador, nem de um Pai Nosso- *Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu*, e não aceitou nem perdoou o filho Leandro, como filho pródigo.

O Homem é um Cristo inacabado. Pode sê-lo. O Homem pode ter a pretensão de lutar com Deus. Mas Deus é mais forte. A fé alimenta a força física do Homem. Mas o pão tem de entrar no corpo. Esta Obra de Manuel Lopes produziu ensinamentos intemporais que ficaram gravados no carácter do Homem cabo-verdiano. *Na es mundu nadaeê ka di nos e tudu di Nhordes, si E kre toma E ta toma*. São dizeres inscritos na sabedoria popular de Cabo Verde, que ainda se escutam e repetem, muitas vezes. A crítica a cada pessoa/leitor e à gestão política e social está presente, a mensagem denuncia, numa literatura de *pé finkadu na tchon*, produziu efeito desejado ao debater-se com dor do povo e fazer o leitor comungar dela.

Referências



Baptista, M. L. (1993). *Vertentes da Insularidade na Novelística de Manuel Lopes*. Porto: Afrontamento.

Bíblia Sagrada (Edição Pastoral ed.). (2014). Lisboa: Paulus Editora.

Coord. Centro Cultural Português em Bissau e União Nacional dos Artistas e Escritores da Guiné-Bissau. (1990). *Antologia poética da Guiné-Bissau*. (F. L. Castro, Ed.). Lisboa: Editorial Inquérito.

Coutinho, Â. B. (2019). *Os dirigentes do PAIGC: da fundação à rutura: 1956-1980*. Coimbra: Imprensada Universidade de Coimbra.

Lopes, M. (2021). *Os Flagelados do Vento Leste*. 4.ed. Lisboa: Vega.

Madeira, J. P. (2018). *Nação e Identidade. A singularidade de Cabo Verde*. Praia: Livraria Pedro Pires.

Organização: Souto, M., Elísio, F.; Cabral, I. (Eds.). (2016). *Cartas de Amílcar Cabral a Maria Helena A outra face do Homem*. Lisboa : Rosa de Porcelana.



Recebido em: 23/08/2022

Aceito em: 25/09/2022

Para citar este texto (ABNT): FURTADO, Maria Helena Gonçalves. Recensão Crítica da Obra *Flagelados do Vento Leste*, de Manuel Lopes. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.446-453, 2022.

Para citar este texto (APA): Furtado, Maria Helena Gonçalves.(2022). Recensão Crítica da Obra *Flagelados do Vento Leste*, de Manuel Lopes. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (Especial): 446-453.